






THE INVISIBILITY OF ARTISANAL WOMEN FISHERS: AN ANALYSIS OF SOCIOCULTURAL DISCOURSE

INVISIBILIZAÇÃO DAS PESCADORAS ARTESANAIS: UMA ANÁLISE DO DISCURSO SOCIOCULTURAL

Maria Fernanda Lima da Mata (UENF) ¹ , Emanuely Carvalho Ferreira (UENF) ² , Silvia Goulart Ferreira Barrigossi (UENF) ³ ,

Abstract - This research aims to analyze the sociocultural discourse surrounding women in artisanal fishing, in order to understand how these women are made invisible as workers. In practice, women are reduced to expressions such as "assistants" and/or "fishing helpers," when, in fact, they play the same leading role as male fishermen, carrying out the stages before or after the capture of the fish. Thus, their work as fisherwomen significantly impacts the final product. It is also worth remembering the concept of "work," which consists of a set of productive or creative activities that an individual performs to achieve a specific goal. In this sense, even though many fisherwomen do not engage in the actual capture of the fish, they carry out other fundamental activities, from the making of fishing gear to the processing of the fish. Therefore, they deserve legal, social, and cultural recognition for the work they do. This patriarchal and cultural discourse implies that public policies aimed at women as workers hinder their access to basic rights: labor, social security, and health. In this scenario, many social and cultural implications regarding the invisibility of women as artisanal fishers are observed. Therefore, this article was developed through a qualitative bibliographic study using exploratory research, conducting a bibliographic survey on the subject. However, the need to transform this context became evident so that these women can be legally, socially, and culturally recognized as workers engaged in fishing activities. Furthermore, there is a need for mobilization and implementation of public policies aimed at promoting gender equality.

Keywords: women; artisanal fishing; invisibility; sociocultural discourse.

Resumo - Esta pesquisa tem como objetivo analisar o discurso sociocultural acerca das mulheres na pesca artesanal, de modo a compreender como essas mulheres são invisibilizadas enquanto trabalhadoras. Na prática, as mulheres são reduzidas a expressões como "auxiliares" e/ou "ajudantes da pesca", quando, na verdade, exercem o mesmo protagonismo dos pescadores homens, executando as etapas anteriores ou posteriores e a captura da pesca. Sendo assim, o seu trabalho enquanto pescadoras impacta significativamente no produto final. Vale lembrar, ainda, o conceito de "trabalho", no qual consiste em um conjunto de atividades produtivas ou criativas que o indivíduo exerce para atingir determinado fim. Nesse sentido, ainda que muitas pescadoras não exerçam a captura do pescado em si, realizam outras atividades fundamentais desde a confecção dos apetrechos até o beneficiamento do pescado. Por isso merecem o reconhecimento jurídico, social e cultural pelo trabalho que realizam. Este discurso patriarcal e cultural, implica na efetivação de políticas públicas voltadas a elas como trabalhadoras, dificultando o acesso aos seus direitos básicos: trabalhistas, previdenciários e saúde. Nesse

¹Doutoranda do Programa de Pós-graduação em Cognição e Linguagem - UENF

²Mestrado em Cognição e Linguagem pela Universidade Estadual do Norte Fluminense - UENF

³Doutoranda em Cognição e Linguagem pela Universidade Estadual do Norte Fluminense - UENF

cenário, observa-se a existência de muitas implicações sociais e culturais no tocante à invisibilização da mulher enquanto pescadora artesanal. Desse modo, para a construção deste artigo foi realizado um estudo bibliográfico, de natureza qualitativa que se deu por meio da pesquisa exploratória, promovendo um levantamento bibliográfico a respeito da temática. Contudo, ficou evidente a necessidade da transformação desse contexto a fim de que possa ser possível o reconhecimento dessas mulheres de forma jurídica, social e cultural enquanto trabalhadoras que exercem a atividade pesqueira. Além disso, carece de mobilizações e implementações de políticas públicas com a finalidade de promover a igualdade de gênero.

Palavras-chave: Mulheres; pesca artesanal; invisibilidade; discurso sociocultural.

INTRODUÇÃO

A pesca artesanal é uma atividade essencial para muitas comunidades costeiras e é uma prática, geralmente, passada de geração em geração realizada com o objetivo do consumo próprio ou para a venda em locais próximos à comunidade a qual residem.

É uma atividade importante econômica e socioculturalmente, mas ainda é uma prática que valoriza e dá destaque apenas ao pescador enquanto homem. As mulheres pescadoras, mesmo realizando as mesmas tarefas e participando de todo o processo relacionado à pesca, são desvalorizadas e tratadas com desigualdade.

O discurso sociocultural dominante valoriza o trabalho do pescador homem e inviabiliza e desvaloriza o trabalho das mulheres. Este discurso, enraizado no patriarcado, desvaloriza o trabalho das mulheres, uma vez que o papel delas na pesca é meramente reduzido a “ajudantes” e ou “auxiliares” dos homens.

As mulheres exercem funções essenciais e tão importantes quanto as dos homens, garantem a eficiência e a qualidade do trabalho e do produto final como os outros pescadores, mas seu papel é reduzido e desvalorizado. Sendo assim, o objetivo desta pesquisa é analisar o discurso sociocultural acerca das mulheres na pesca artesanal, de modo a compreender como essas mulheres são invisibilizadas enquanto trabalhadoras.

A desvalorização histórica do trabalho das mulheres no setor pesqueiro reflete não apenas um desmerecimento sociocultural, mas principalmente em desigualdades persistentes que limitam o acesso delas aos direitos trabalhistas e previdenciários. Desta forma, esta pesquisa faz-se necessária uma vez que visa mostrar a importância de uma mudança neste contexto

Ações que busquem a transformação desta realidade são essenciais e urgentes, pois as mulheres pescadoras precisam não apenas de reconhecimento sociocultural como também jurídico. Tal reconhecimento é fundamental para que elas possam usufruir de direitos importantes como seguro-defeso e aposentadoria.

Desse modo, este artigo abordará um estudo bibliográfico acerca do cenário da pesca artesanal como também um estudo acerca da linguagem e a sua relação com as condições de produção históricas e sociais que estão relacionadas diretamente com as significações presentes. Além disso, esta pesquisa também tem caráter exploratório, uma vez que trará um levantamento documental a respeito da temática.

1 Contextualização da pesca artesanal e da participação feminina

A pesca artesanal no Brasil configura-se como uma importante atividade econômica que garante a subsistência de pescadores, pescadoras e seus familiares, sendo um meio relevante de geração de

trabalho e renda dentro das comunidades pesqueiras. Além disso, também pode ser vista como fonte de renda complementar para muitas famílias (Silva, 2014).

Segundo Ramalho e Melo (2016), a prática da pesca artesanal é frequentemente passada de geração em geração. Os trabalhadores mais experientes no ramo transmitem os conhecimentos do ofício aos familiares mais jovens, e, muitas vezes, os filhos herdaram e dão continuidade à profissão dos pais. Dessa forma, a prática pesqueira se mantém ao longo do tempo, por meio dos ensinamentos transmitidos entre as gerações.

Os homens são os principais responsáveis pelas atividades que são realizadas em alto mar, e dependendo do pescado que eles capturam, passam longos períodos distantes das zonas costeiras. O trabalho que desempenham é cercado de desafios e perigos e tem como função capturar o pescado para que passe pela etapa de beneficiamento, que envolve a limpeza e a estocagem até a venda para o consumidor (Ramalho, 2006).

Para Martins (2013), as comunidades pesqueiras enfrentam desafios no reconhecimento das mulheres como pescadoras, uma vez que elas geralmente não são responsáveis pela captura do pescado no alto-mar. Para mulheres, muitas vezes, são atribuídas tarefas próximas às zonas costeiras, como a captura de crustáceos em rios, mangues e mares, além da limpeza do peixe, camarão e outros pescados para a etapa de beneficiamento e venda.

Ainda assim, o trabalho feminino permanece bastante desvalorizado devido a questões de gênero e estruturas sociais, o que faz com que as próprias pescadoras tenham dificuldade em se considerar como trabalhadoras da pesca. É comum, portanto, a submissão das mulheres aos homens nesse contexto (Martins, 2013).

É importante ressaltar que as atividades desempenhadas pelas mulheres agregam maior valor ao produto. O pescado recém-capturado não está pronto para consumo, necessitando passar pela etapa de limpeza antes de ser comercializado. Essa fase, que envolve limpeza, congelamento e venda, é, em grande parte, realizada por mulheres nas comunidades pesqueiras e é essencial para a manutenção da economia local (Figueiredo, 2013).

O trabalho feminino também é caracterizado por duplas jornadas, já que as mulheres frequentemente precisam conciliar as tarefas domésticas com as atividades da pesca. Isso resulta em longas horas de trabalho, uma vez que as obrigações não terminam com o fim do dia de trabalho que é remunerado e relacionado a pesca.

Dada a importância do trabalho das mulheres nas comunidades de pesca e dos desafios enfrentados, espera-se que sua atuação seja valorizada. Entretanto, a realidade é diferente: como as mulheres não participam da captura no alto-mar, não são reconhecidas como pescadoras, mas sim como marisqueiras. Assim, suas atividades são vistas apenas como um auxílio ao trabalho dos homens. Conforme explica Raimundo e Gehlen (2009, p. 7 apud Santos; Aragão; Melo e Souza, 2012, p. 15), a ideia de “pouca importância” atribuída ao trabalho feminino desencadeia outros processos, como baixas remunerações e a legitimação de um menor prestígio.

Devido a periculosidade que envolve o trabalho de estar em alto-mar, este ambiente não é reconhecido no lugar que a mulher deve estar. Há casos em que as mulheres são impedidas de acessarem as embarcações. Devido às representações de que a mesma não possui força física suficiente, deve ficar em terra cuidando da criação dos filhos e filhas (Ramalho, 2006).

Contudo, seja na terra ou no mar, as mulheres enfrentam dificuldades para serem reconhecidas como pescadoras. Soares (2012) afirma que é fundamental compreender a dominação masculina “invisível”, que se relaciona à negação de espaços públicos para as mulheres. Essa exclusão reforça a desigualdade de gênero e social, dificultando a participação cidadã das trabalhadoras e criando obstáculos ao reconhecimento das mulheres como profissionais, seja na pesca, seja em outras áreas.

A desvalorização do trabalho feminino e a ausência de reconhecimento de suas atividades como

parte das funções oficialmente reconhecidas da pesca colocam as mulheres em situações de maior vulnerabilidade social. Além disso, o trabalho pesqueiro é extremamente exaustivo, com ganhos financeiros abaixo do esperado e desvalorização social.

2 O não reconhecimento das mulheres enquanto trabalhadoras: uma análise do discurso sociocultural sobre gênero e trabalho

O trabalho da mulher na pesca artesanal é fundamental para a economia e para a sustentabilidade local, porém elas permanecem invisíveis em grande parte em razão de um discurso social e cultural.

Ao longo da história a pesca artesanal foi associada à imagem masculina, colocando as mulheres em segundo plano. A partir dessa perspectiva limitada, começa ignorar a contribuição impactante das mulheres em todas as etapas da atividade pesqueira, desde a preparação de apetrechos até a comercialização. Somados a isso, as mulheres ainda possuem responsabilidades com trabalhos domésticos, com os cuidados familiares: filhos, pais, sogros, dentre outros, e por vezes com o dever financeiro em sua totalidade (Amaral; Neto, 2021).

Nesse sentido, esse discurso de que as mulheres são uma extensão das tarefas domésticas ou de que são meras auxiliares da atividade pesqueira reverbera em vários âmbitos da sua vida. Segundo Saffioti (2013), existe na sociedade uma diferença que permeia entre mulheres e homens no tocante ao trabalho, os homens detêm diferenças naturais e sociais que perpassam pela religião, educação, poder político, dentre outras situações que são difíceis de serem ultrapassadas, ocorre que as mulheres enfrentam todas essas questões em seu cotidiano, somadas ao peso do sexo como razão preponderante.

O emprego para as mulheres deveriam ser muito mais do que receber um salário, deve ser usado para possibilitar a participação na vida em sociedade, ser capaz de promover a cultura, auxiliar de modo a se sentirem menos insegura na vida em sociedade, representando uma fonte de equilíbrio. Este não idealizado exclusivamente como resultado de uma atividade ocupacional (Saffioti, 2013).

Assim, o não reconhecimento das mulheres e o trabalho delas em contexto pesqueiro são resultados do histórico discurso acerca da divisão sexual do trabalho, concretizadas na transferência de tarefas no lugar e espaço. Não é à toa que hoje há diversas correntes teóricas promovendo a luta pela igualdade de gênero e pela representação em debates públicos, pois é notório a discriminação e exclusão delas sob a ótica social, econômica e política, tornando capaz de analisar as razões culturais e históricas pelas quais as mulheres em diversas circunstâncias assumam um comportamento de sujeição em relação aos homens e não de exercerem o protagonismo e o acesso aos seus direitos (Amaral; Neto, 2021).

Sob a ótica da análise do discurso crítica, as práticas sociais são maneiras de se realizar algo, onde no interior dessas práticas existem aprendizados que são compartilhados, possuindo pressupostos que todo o grupo atende. Há várias formas de um grupo social atuar, dentre eles, por meio de textos sendo orais ou escritos. O texto também representa um conjunto de ações de um grupo, como o valor atribuído em relação aos outros e aos procedimentos carregados por um conjunto de valores e crenças no interior de cada contexto (Batista Júnior; Sato, 2018).

Esses conhecimentos materializados pelos textos possuem o condão de disciplinar as pessoas, manter o poder, delimitar papéis e desenvolver o próprio grupo. Os indivíduos que constituem as articulações de poder são resultantes de uma cultura, natureza ou condição, em que por vezes não percebem as restrições sociais, os ganhos e perdas de uma possível aceitação, posto que a maneira

de sentir e observar os fenômenos são intimamente ligados aos contextos inseridos (Batista Júnior; Sato, 2018).

Nesse cenário, é possível transformar as articulações de poder, sua distribuição e posições, mas para isso é necessário constituir um conhecimento reflexivo acerca do contexto vivenciado. De acordo com Giddens (1991), o ato de refletir a vida social moderna compreende a reformulação e examinação de forma constante das práticas sociais, com base em informações novas acerca dessas práticas, modificando assim, seu caráter.

Assim, as pessoas, mulheres pescadoras, tornam-se capazes de confrontar sua realidade com outros conhecimentos e informações, tomando consciência de sua condição atual, podendo com ferramentas e oportunidades, lutar por sua emancipação e protagonismo no contexto pesqueiro.

No caso em tela, há um discurso sociocultural como elencado acima a respeito da figura feminina em relação ao trabalho pesqueiro, esse discurso atribui a elas a condição de meras auxiliares da pesca, enquanto há outros discursos que se preocupam com a emancipação/reconhecimento delas enquanto trabalhadoras respaldados pelos direitos humanos, constitucionais e legislativos, em razão de uma prática excludente do estado e da sociedade em que perpetua as diferenças de gênero, resultando em discursos antagônicos. De qualquer forma, o intuito deste artigo é retratar a existência desses dois discursos acerca da temática exposta, porém se preocupa apenas se ater a luta ao reconhecimento delas enquanto trabalhadoras.

Nesse cenário, para ocorrer uma mudança social de fato é preciso se apoiar a uma abordagem crítica do discurso, ou seja, levando em consideração as formas em que a sociedade estrutura suas práticas sociais em que estão inseridos, mas ao mesmo tempo valorizando a capacidade de agir, refletir e resistir, a fim de atingir um objetivo final de que é denunciar as relações de poder e de domínio que oprimem e excluem as mulheres trabalhadoras na pesca, para que então, tente vislumbrar uma sociedade mais justa, democrática e igualitária (Gonçalves, 2018).

Em suma, o trabalho das mulheres, embora essencial para o contexto pesqueiro, ainda hoje é marcado pela sujeição e invisibilidade, resultado de um discurso sociocultural, que divide e relega as mulheres a papéis secundários, refletindo a uma estrutura de poder que as discrimina e excluem da efetiva participação e reconhecimento enquanto trabalhadoras. Contudo, ao acionar uma análise e reflexão crítica acerca dessa realidade e através de uma ação em grupo e informada, as mulheres são capazes de transformar essa situação, reivindicando seus direitos, seu lugar e sua visibilidade.

Ao lutar pela emancipação e protagonismo dessas mulheres estarão colaborando para a promoção de uma sociedade mais justa e igualitária, valorizando e reconhecendo o trabalho feminino com sua real e verdadeira contribuição. Assim, é um dever de todos caminhar de modo a desconstruir esses discursos excludentes e lutar pela transformação das estruturas sociais existentes que determinam a desigualdade de gênero, de modo a assegurar a igualdade de direitos e oportunidades para as pescadoras artesanais.

CONCLUSÃO

Sabemos que para muitas comunidades costeiras a pesca artesanal é de suma importância econômica e socioculturalmente, uma vez que além de ser a base para gerar o sustento de muitas famílias, gera também uma renda para os pescadores e pescadoras que dependem desta prática.

Apesar de esta ser uma prática passada de geração em geração para homens e mulheres, ela ainda permanece sendo vista e dando visibilidade apenas para o pescador homem. As mulheres pescadoras participam de todas as etapas e tarefas que envolvem a pesca desde o preparo até a venda, mas mesmo assim não são reconhecidas como pescadoras.

Toda esta invisibilidade das mulheres pescadoras é resultado de um discurso sociocultural que desvaloriza o trabalho das mulheres no cenário da pesca por delegar a elas apenas papéis secundários. Tal ação reflete uma estrutura de poder que além de discriminar, exclui da participação e do reconhecimento destas mulheres enquanto trabalhadoras.

Sendo assim, analisar e refletir acerca desta realidade a partir de uma ação em grupo e informada é essencial e urgente para que estas trabalhadoras possam modificar esta realidade. É crucial lutar pelo protagonismo dessas mulheres para que assim elas tenham como reivindicar seus direitos, seu papel e sua visibilidade no contexto da pesca artesanal.

REFERÊNCIAS

AMARAL, S. C. d. S.; NETO, A. G. Mulheres na pesca e a luta por reconhecimento. **InterSciencePlace**, Campos dos Goytacazes, v. 16, n. 1, p. 265–277, 2021. jan./mar. Disponível em: <https://www.interscienceplace.org/index.php/isp/article/view/12>. Acesso em: 20 out. 2024.

BATISTA JÚNIOR, J. R. L.; SATO, D. T. B. Análise de discursos das práticas: etnografia. *In*: BATISTA JÚNIOR, J. R. L.; SATO, D. T. B.; MELO, I. F. d. (ed.). **Análise de discurso crítica para linguistas e não linguistas**. São Paulo: Parábola, 2018.

FIGUEIREDO, M. M. A. **Trabalho e participação política das pescadoras na reserva extrativista (Resex) Canavieiras – BA**. 2013. f. 116. Diss. (Mestrado) – Universidade Federal da Bahia, Salvador-BA. Dissertação (Mestrado em Geografia).

GIDDENS, A. **As consequências da modernidade**. São Paulo: Unesp, 1991.

GONÇALVES, P. R. Discurso e Prática social. *In*: BATISTA JÚNIOR, J. R. L.; SATO, D. T. B.; MELO, I. F. d. (ed.). **Análise de discurso crítica para linguistas e não linguistas**. São Paulo: Parábola, 2018.

MARTINS, M. L. S. **Rios, estuários e mangues: a mulher na pesca artesanal**. 2013. f. 140. Diss. (Mestrado) – Universidade Federal de Sergipe, São Cristão-SE. Dissertação (Mestrado em Desenvolvimento e Meio Ambiente).

RAMALHO, C. W. **“Ah, esse povo do mar!”: um estudo sobre trabalho e pertencimento na pesca artesanal pernambucana**. São Paulo; Campinas, SP: Polis; CERES (Centro de Estudos Rurais do IFCH – UNICAMP), 2006.

RAMALHO, C. W. N.; MELO, A. A. d. Uma etnografia dos mestres da pesca artesanal da praia de Carne de Vaca, Goiana, PE. **Cadernos de Ciências Sociais da UFRPE**, Recife, v. 1, n. 6, p. 50–71, 2016.

SAFFIOTI, H. L. B. **A mulher na sociedade de classes**. 3. ed. São Paulo: Expressão Popular, 2013.

SANTOS, E. A.; ARAGÃO, M. C. O.; MELO E SOUZA, R. Tecendo as redes entre natureza e sociedade: os desafios das mulheres pescadoras em Sergipe. **Journal of Social, Technological and Environmental Science**, Anápolis, v. 1, n. 1, p. 05–25, 2012. Disponível em: <https://revistas.unievangelica.edu.br/index.php/fronteiras/article/view/394/393>. Acesso em: 10 out. 2024.

SILVA, L. S. d. **A economia pesqueira artesanal no município de Salvador-BA: a organização produtiva à comercialização nas colônias de pescadores**. 2014. f. 103. Diss. (Mestrado) – Universidade Federal da Bahia. Dissertação (Mestrado em Economia).

SOARES, S. M. **Decaindo a rede do reconhecimento: as pescadoras e o seguro-defeso na comunidade Cristo Rei no Careiro da Várzea**. 2012. f. 145. Diss. (Mestrado) – Universidade Federal do Amazonas, Manaus. Dissertação (Mestrado em Sociedade e Cultura na Amazônia).